



Paulo Pontes

Teatro Carlos Gomes: 50 anos de cultura

Ao completar 50 anos de existência, o Teatro Carlos Gomes necessita de reparos. Para tanto é necessária uma verba de Cr\$ 786 mil. A diretora da Fundação Cultural Beatriz Abaurre, vai ao Rio conversar com Adonias Filho, diretor do Conselho Federal de Cultura, para tentar conseguir

um terço da verba. Entretanto, é necessária a autorização do Conselho Estadual de Cultura para que a verba possa ser liberada. Sendo assim, a verba ficaria dividida entre o Conselho Federal, o Departamento de Assuntos Culturais do MEC e o Governo do Estado.

Pesquisa e texto de Luis Fernando Tatagiba

A história do Teatro Carlos Gomes se iniciou em 1925, ano em que foi construído por André Carloni, um europeu que aqui chegou para amar a terra e dela nunca mais se separar.

André Carloni, por sua própria conta, para exploração particular, erigiu o teatro da Praça Costa Pereira, inaugurado a 7 de janeiro de 1927 e vendido ao Governo do Estado em 1934, por mil duzentos e setenta e seis contos. Italiano, nascido na Bolonha, em 1883, veio para o

para os vitorianos a peça de Juracy Camargo, "Deus lhe pague".

Depois de um longo período transformado em cinema de segunda classe, foi reformado pelo Governo Dias Lopes e entregue à Fundação Cultural do Espírito Santo, passando, verdade se diga, por uma grande fase, não só de boas representações teatrais, como local de exposições artísticas de alta seleção.

fim da rua Barão de Monjardim até o Parque Moscoso que era um mangue. Com a evolução, a antiga vila perdeu sua aura poética e beleza da Cidade Presépio e passou a ser chamada Grande Vitória. Nas palavras do próprio André Carloni, "nada mais resta da imagem de um passado, que ficou apenas nos monumentos tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, e não chega a nos dar o quadro real de uma época, que aos poucos vai se perdendo em meio aos altos edifícios".

Itinerário de Paulo Pontes

Falecido precocemente... aos 36 anos de idade, no dia 27 de dezembro do ano passado, Paulo

A história do Teatro Carlos Gomes se iniciou em 1925, ano em que foi construído por André Carloni, um europeu que aqui chegou para amar a terra e dela nunca mais se separar.

André Carloni, por sua própria conta, para exploração particular, erigiu o teatro da Praça Costa Pereira, inaugurado a 7 de janeiro de 1927 e vendido ao Governo do Estado em 1934, por mil duzentos e setenta e seis contos. Italiano, nascido na Bolonha, em 1883, veio para o Brasil com sete anos. Trabalhou em diversos lugares, até que em 1895 foi colaborar com o encarregado de decoração do teatro Melpômene (onde atualmente se encontra o Hotel Império).

Terminada a construção, continuou trabalhando com o encarregado, Esperidone Astolfoni, aperfeiçoando-se na arte de pintor e decorador. Mais tarde, em 1890, estudou desenho na Maçonaria Monte Líbano, passando a trabalhar por conta própria, fazendo projetos e construções. Quando ainda jovem, André Carloni, cheio de idealismo, amando a arte como bom italiano, sonhava com as óperas de Verdi e com as representações das castas divas napolitanas. E seu sonho maior era construir um teatro. Idealizou-o à maneira dos belos teatros que deixou na terra distante. Com suas esbeltas colunatas heráldicas e suas varandas sinuosas como corpo de mulher bonita. Dever ter pensado no Scala, na sua passagem por Milão. O teto do Carlos Gomes, dá ainda hoje, decorridos 50 anos, uma demonstração do sonho que ia na alma daquele artista da escultura.

De todos os cantos do teatro, olhando-se para o teto, podem-se ver representados trechos de peças de Mozart, de Gounod, de Carlos Gomes. Obra de um idealista que não pôde sustentar seu sonho. Descido de todo homem que adora, acima dos interesses materiais, as coisas do espírito. Segundo os jornais da época (já nesse tempo existiam os cronistas sociais), o Teatro Carlos Gomes recebeu um pugilo de grandes empresas teatrais do exterior, sendo que nos anos 30 conheceu entre dezenas de empresas nacionais, a de Procópio Ferreira, que representou

para os vitorienenses a peça de Juracy Camargo, "Deus lhe pague".

Depois de um longo período transformado em cinema de segunda classe, foi reformado pelo Governo Dias Lopes e entregue à Fundação Cultural do Espírito Santo, passando, verdade se diga, por uma grande fase, não só de boas representações teatrais, como local de exposições artísticas de alta seleção.

TEATRO MELPÔMENE

O primeiro teatro inaugurado em Vitória foi o Melpômene. Segundo os historiadores, localizava-se no antigo Largo da Conceição, ao lado da igreja do mesmo nome, derrubada para lhe dar lugar. Mais ou menos na confluência da praça Costa Pereira com a rua Graciano Neves.

Apesar da idéia de um teatro tenha nascido em maio de 1872, sua inauguração só ocorreu em maio de 1896. O Melpômene era todo de madeira, mas possuía luz própria. A primeira apresentação ficou por conta da Companhia Júlia de Plá, que apresentou a Sinfonia "O Guarani", de Carlos Gomes.

Quando a cidade foi remodelada, o Melpômene desapareceu. "O prédio", segundo ainda os historiadores, "serviu por anos a fio de palco a grandes companhias nacionais ou européias que passaram por Vitória". O Melpômene teve seus dias áureos no último lustro do século passado e seu fastígio no primeiro quartel do atual, entretanto viu seu declínio ao ser transformado em cinema e seu epílogo ao ser palco da mais dramática de suas representações: quando pegou fogo. Muitos capixabas ainda se recordam do balanço trágico daquele dia. O proprietário do teatro era André Carloni, arquiteto que construiu, além do Carlos Gomes, a Santa Casa de Misericórdia, a Assembléia Legislativa, a Alfândega e o teatro Glória.

DIAS DE ESPLENDOR

A cidade de Vitória, no século passado, ia somente do

fim da rua Barão de Monjardim até o Parque Moscoso que era um mangue. Com a evolução, a antiga vila perdeu a sua aura poética e beleza da Cidade Presépio e passou a ser chamada Grande Vitória. Nas palavras do próprio André Carloni, "nada mais resta da imagem de um passado, que ficou apenas nos monumentos tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, e não chega a nos dar o quadro real de uma época, que aos poucos vai se perdendo em meio aos altos edifícios".

E, apesar de ver construir ao lado do teatro Carlos Gomes, em 1974, um edifício de 16 andares, e não concordar com a obra, achando que as casas devem ser amplas com jardins e terrenos, André Carloni alegou, na época, que "isto ocorre porque o progresso toca mais o homem do que a beleza". E é por este motivo, que do outro lado, o bar, também denominado Carlos Gomes, cerrou suas portas recentemente, para sempre, sob os lamentos de "seu" Álvaro, o proprietário, para dar lugar a mais um edifício, pois nos encontramos em dia de esplendor e progresso.

Ao ser vendido para o Governo do Estado, o teatro Carlos Gomes sofreu várias reformas, obedecendo sempre ao estilo inicial, porém, no Governo Cristiano Dias Lopes, foram feitas modificações no teto por um mecenas que não obedeceu à decoração antiga, mesmo contra a vontade do governador e da arquiteta Ângela Oliveira Santos.

Desde que foi entregue à Fundação Cultural do Espírito Santo, o teatro Carlos Gomes vive dias de grandes pompas, apresentando espetáculos teatrais, musicais, além de exposições, festivais de balé, cantores populares e líricos, tornando-se desde algum tempo o ponto de encontro daqueles que amam a arte e se deleitam com as coisas do espírito.

O teatro Carlos Gomes desde o Governo Cristiano Dias Lopes teve como diretores: Marien Calixte, Gilson Sarmiento, Kátia Calmon, e Delton Souza. Atualmente encontra-se na direção Afonso Abreu, que desde alguns anos trabalhava em outros setores da Fundação Cultural.

André Carloni, o construtor

André Carloni, italiano nascido em Bolonha, em 1883, veio para o Brasil com sete anos. Trabalhou em diversos lugares, até que em 1895 foi colaborar com o encarregado de decoração do teatro Melpômene (hoje Hotel Império). Terminada a construção, continuou trabalhando com o encarregado, Esperidone Astolfoni, aperfeiçoando-se na arte de pintar e decorar. Depois de estudar desenho na Maçonaria Monte Líbano, em 1900, passou a trabalhar por conta própria, em projetos e construções.

Seu primeiro trabalho foi a reforma do Convento do Carmo, adaptando-o para o funcionamento do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Foi então convidado pelo Governo de Jerônimo Monteiro para a construção da Santa Casa de Misericórdia, Assembléia Legislativa e uma série de obras públicas.

Executou também o serviço de construção da linha de bondes elétricos de Vitória e Vila Velha, o serviço de lanchas para a travessia da baía de Vitória e a estrada de rodagem ligando Alfredo Maia a Santa Leopoldina, montando um serviço de automóveis de passageiros. Isso em 1917.

Nomeado pelo Governo Federal em 1943 para zelar e conservar os monumentos históricos tombados no Espírito Santo, restaurou o Convento da Penha, a Igreja do Rosário, em Vila Velha, Igreja e Convento Anchieta, Capela de Santa Luzia, Solar Monjardim, Igreja de São Mateus, e Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, entre outras. Em 1949, foi encarregado de projetar a Catedral Metropolitana.

Até há quatro anos atrás, André Carloni ainda desenhava Vitória antiga, que continuou guardando em sua memória. Destes desenhos, foram feitos 18 quadros, por um pintor de Belo Horizonte, e comprados pela Prefeitura de Vitória.

Em 1942, André Carloni, proprietário do primeiro carro que circulou em Vitória recebeu o título do presidente da República, o título de cidadão brasileiro. Em 1956, recebeu da Câmara Municipal de Vitória o título de Cidadão Capixaba. E em 1972 a Federação das Indústrias conferiu-lhe o diploma de mérito industrial, pelo relevantes serviços prestados a Vitória. Até o início de 1976, era presidente de honra do Clube Ítalo-Brasileiro.

Durante seus últimos anos de vida, com mais de 90 anos de idade e ainda lúcido, o arquiteto André Carloni ainda sonhava com o que foi a cidade que ajudou a construir, sentindo saudades do tempo em que o transporte urbano era feito pelos bondes puxados a burros, das ruas estreitas de uma Vitória que só resta na memória de quem ficou.

André Carloni faleceu na madrugada de 26 de julho de 1976, às 2h30m, vitimado por um "carcinoma broncogênico". Foi enterrado no cemitério de Santo Antônio na tarde de 27 de julho, com grande acompanhamento de amigos e conhecidos, que também viveram uma época de bondes e ruas descaixas, da qual restam como recordação prédios como o teatro Carlos Gomes.

de Paulo Pontes

Falecido precocemente... aos 36 anos de idade, no dia 27 de dezembro do ano passado, Paulo Pontes deixou uma das maiores lacunas no teatro brasileiro. Possuidor de um aguçado censo crítico, o autor de Um Edifício Chamado 200 sempre esteve ligado aos setores do teatro brasileiro que mais se preocuparam em documentar e ao mesmo tempo criticar a realidade imediata como no Grupo Opinião, onde começou sua carreira de homem de teatro no Rio de Janeiro.

Desde os tempos de sua juventude na Paraíba ele sempre se considerou um humorista e foi a partir do humor intrínseco à sua pessoa que todo seu trabalho teve desenvolvimento. Vindo para o Rio de Janeiro ainda bastante moço, Paulo Pontes começou sua vida profissional escrevendo alguns pequenos sketches, para a Rádio Mayrink Veiga, mas, seus primeiros contactos com o teatro foram iniciados em função de sua entrada nas fileiras do Grupo Opinião. Ao lado de Oduvaldo Viana Filho e Armando Costa, ele escreveria o show que daria nome ao hoje Teatro Opinião. Desta forma, em virtude deste feliz encontro, Paulo Pontes enveredou por caminhos que o levariam a granjear destacada posição dentro do panorama teatral brasileiro, bem como se tornar uma pessoa enormemente querida no meio artístico em geral. BRASILEIRO, PROFISSAO ESPERANÇA, com Ítalo Rossi e Maria Bethânia, outro show escrito especialmente para Elizabeth Cardoso, além de uma adaptação do livro O SEINHOR PRESIDENTE de Miguel Angel Astúrias, deram a necessária continuidade a uma obra que estaria tão somente saindo de seu embrião.

Como autor teatral, a preferência por um tipo de dramaturgia mais condizente com a linguagem popular, embora, ao escrever, a forma coesa de suas realizações fosse sempre visível ao longo de sua carreira, levaria Paulo Pontes a criar UM EDIFÍCIO CHAMADO 200 obra que alcançou grande popularidade, dada a amplitude de sua temática. Posteriormente, a pedido de Ziembinski, escreveu CHECK-UP, uma abordagem crítica mais profunda do que o imediatismo contagiante do trabalho anterior. Como produtor, por uma vez apenas, realizou O HOMEM DE LA MANCHA. Recentemente, em parceria com o compositor Chico Buarque de Holanda, foi buscar a força trágica de Medéia e transformá-la em Joanna, colocando então em cena GOTA D'ÁGUA seu último trabalho. Ainda com Chico, O DIA EM QUE FRANK SINATRA VEIO AO BRASIL não mais contará com o cunho de Paulo Pontes, já que a morte veio colhê-lo prematuramente em seu período mais pleno e fértil de criatividade.



O arquiteto André Carloni construiu o teatro Carlos Gomes, inaugurado em 1927 e vendido ao Governo do Estado em 1934.